



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

25 anos

2017



MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Danyelle F. Farias*, Daniella Y. Baragatti, Eliete M. Silva, Antonieta K. K. Shimo.

Resumo

Estudo descritivo, retrospectivo, do tipo análise documental que por meio da análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) das anotações dos prontuários, deu voz a 26 mulheres em situação de violência atendidas no Centro de Referência e Apoio à Mulher (CEAMO) do município de Campinas-SP nos anos de 2013 a 2015. Observou-se que o medo e a vergonha são os principais motivos para não denunciarem as agressões, sofrem de violência física, psicológica e patrimonial, reconhecem e relatam somente as sequelas físicas desses atos. Ficam reclusas socialmente, mas quando conseguem recursos internos e externos, desejam romper o ciclo de violência e buscam ajuda por conta própria ou são encaminhadas para o CEAMO, onde tem acesso a rede de enfrentamento à violência.

Palavras-chave:

Violência por parceiro íntimo, Agressão, Discurso do Sujeito Coletivo.

Introdução

Dentre as diversas formas de violência contra as mulheres, a cometida pelo parceiro íntimo é a mais comum, sendo eles os responsáveis por 38% dos homicídios de mulheres no mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), promover igualdade de gênero e mudar as normas culturais e sociais que apoiam a violência são duas das principais formas de prevenção^{1,2}. Objetivou-se conhecer o cenário e os tipos de violência sofridos pelas mulheres atendidas no CEAMO.

Resultados e Discussão

A análise dos dados revelou oito DSCs com as seguintes ideias centrais: DSC1- Estrutura familiar; DSC2- Sentimentos relatados pelas mulheres; DSC3- Violência psicológica; DSC4- Violência física; DSC5- Violência patrimonial; DSC6- Agressor é usuário de substâncias; DSC7- Sequelas das agressões e DSC8- Rede de enfrentamento à violência. A OMS afirma que, no país, a maioria das mulheres agredidas fisicamente não comentam sobre sua experiência de violência para outras pessoas², de modo que a vergonha e o medo, sentimentos predominantes nas vidas dessas mulheres, são as principais razões para não realizar a denúncia e/ou se separar do agressor:

(...) Ela tem medo, das vezes que ela anunciou a separação sofreu ameaças. Fica a ameaçando contando com detalhes como ele fará para esquartejá-la, dizendo que irá tirar cada pedaço dela e depois jogar na fossa no fundo do quintal e que ninguém nunca saberá (...). (DSC2- Sentimentos relatados pelas mulheres: M₁, M₂, M₃, M₈, M₁₀, M₁₈, M₂₂, M₂₃, M₂₅ e M₂₆).

(...) Por vergonha e medo não registrou BO nem contou para ninguém da família (...). (DSC2- Sentimentos relatados pelas mulheres: M₁₇, M₁₉, M₂₀ e M₂₃).

Estudos confirmam que a violência física é presença constante na vida dessas mulheres³:

(...) Sofreu violência com arma branca, ferro e faca, ela pediu a separação, por isso sofreu violência física grave, perdeu 3 dentes e ficou muito machucada (...).

(DSC4- Violência física: M₄, M₅, M₁₀, M₁₂, M₁₄, M₁₆, M₁₈ e M₂₁).

O uso de drogas está associado com episódios de violência, tornando maior a situação de vulnerabilidade dessas mulheres:

(...) Ele passou a fazer uso de crack, chegava alterado quase sempre, com isso as brigas se tornaram mais constantes (...). (DSC6- Agressor é usuário de substâncias: M₃, M₄, M₇, M₈, M₁₁, M₁₃, M₁₅, M₁₉, M₂₀, M₂₄, M₂₅ e M₂₆).

A análise documental também revelou que, semelhante às estatísticas oficiais, há na instituição carência de informações acerca do agressor, o que prejudicou maior aprofundamento da presente análise.

Conclusão

O medo e a vergonha são os principais motivos para que as mulheres em situação de violência permaneçam reclusas e em silêncio; as ameaças e agressões físicas alimentam esses sentimentos que são agravados quando o agressor faz uso de substâncias.

Agradecimentos

Estudo financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

¹ Devries, Karen M. et al. The global prevalence of intimate partner violence against women. *Science*, 2013, p. 1527-1528.

² Organização Mundial da Saúde (OMS). Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014. Núcleo de Estudos da Violência (Trad.) São Paulo, 2015.

³ Fundação Perseu Abramo e SESC. Pesquisa: Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado. FPA/Sesc, 2010, pp 49-63.